



O EFEITO DA AUSÊNCIA DE DISCUSSÕES SOBRE GÊNERO E SEXUALIDADES NA ESCOLA

EL EFECTO DE LA AUSENCIA DE DISCUSIONES SOBRE GÉNERO Y SEXUALIDADES EN LA ESCUELA

THE EFFECT OF THE ABSENCE OF DISCUSSIONS ABOUT GENDER AND SEXUALITIES AT SCHOOL

Luciano Pereira dos SANTOS¹
José Alves LAGÔA JUNIOR²

RESUMO

Este trabalho tem como pretensão a reflexão sobre a ausência de discussões sobre gênero e sexualidades na escola e seus efeitos na produção e manutenção da LGBTfobia no ambiente escolar, tendo como foco as percepções de estudantes da EJA de uma escola pública de Pelotas/ RS. Os dados foram produzidos por meio da aplicação de questionários e a análise pautou-se na análise temática de conteúdo. Os resultados apontam desconhecimentos sobre o assunto e detecta a forte presença da LGBTfobia no espaço escolar. Destaca-se que tais resultados foram aferidos em período anterior a pandemia de COVID-19. A população LGBTQIA+ é um dos grupos mais afetados pelo período pandêmico onde pode ser observado aumento no índice de violência contra as sexualidades dissidentes, cerceamento do acesso à atendimento de saúde, desemprego, insegurança alimentar, dentre outros. Conclui-se que o agravamento da rejeição à diversidade sexual no ambiente

¹ Doutor em Educação. Prof. do Departamento de Educação UNIPAMPA-Bagé
lucianopereiraluciano@gmail.com

² Mestrando Ensino, MAE/UNIPAMPA/Brasil, j.lagoajunior@gmail.com

escolar é um dos efeitos da ausência de discussões sobre essas temáticas na grade curricular. Defende-se que é de fundamental importância a inserção das temáticas de gênero e sexualidades na grade curricular da formação inicial docente e cursos de formação continuada que promovam inclusão, entendimento e respeito às diferentes identidades sexuais e de gênero na escola.

Palavras-chave: Gênero; EJA; Escola; Diversidade sexual; LGBTfobia

RESUMEN

Este trabajo pretende reflexionar sobre la ausencia de discusiones sobre género y sexualidades en la escuela y sus efectos en la producción y mantenimiento de la LGBTfobia en el ambiente escolar, con foco en las percepciones de alumnos de EJA de una escuela pública de Pelotas/RS. Los datos fueron producidos a través de la aplicación de cuestionarios y el análisis se basó en el análisis de contenido temático. Los resultados apuntan al desconocimiento sobre el tema y detectan la fuerte presencia de LGBTfobia en el espacio escolar. Cabe señalar que tales resultados se midieron en un período anterior a la pandemia de COVID-19. La población LGBTQIA+ es uno de los grupos más afectados por el período de pandemia, donde se puede observar un aumento en el índice de violencia contra las sexualidades disidentes, acceso restringido a la atención médica, desempleo, inseguridad alimentaria, entre otros. Se concluye que el recrudecimiento del rechazo a la diversidad sexual en el ámbito escolar es uno de los efectos de la ausencia de discusiones sobre estos temas en el currículo. Se argumenta que es de fundamental importancia incluir el género y las sexualidades en el currículo de los cursos de formación inicial y continua del profesorado que promuevan la inclusión, la

comprensión y el respeto de las diferentes identidades sexuales y de género en la escuela.

Palabras clave: gênero; EJA; escola; diversidade sexual; LGBTfobia

ABSTRACT

This work intends to reflect on the absence of discussions about gender and sexualities at school and its effects on the production and maintenance of LGBTphobia in the school environment, focusing on the perceptions of EJA students from a public school in Pelotas/RS. Data were produced through the application of questionnaires and the analysis was based on thematic content analysis. The results point to lack of knowledge on the subject and detect the strong presence of LGBTphobia in the school space. It is noteworthy that such results were measured in a period prior to the COVID-19 pandemic. The LGBTQIA+ population is one of the groups most affected by the pandemic period, where an increase in the rate of violence against dissident sexualities, restricted access to health care, unemployment, food insecurity, among others can be observed. It is concluded that the worsening of the rejection of sexual diversity in the school environment is one of the effects of the absence of discussions on these themes in the curriculum. It is argued that it is of fundamental importance to include gender and sexualities in the curriculum of initial teacher training and continuing education courses that promote inclusion, understanding and respect for different sexual and gender identities at school.

Keywords: gender; EJA; school; sexual diversity; LGBTphobia

1. Introdução e Referencial Teórico

Diversidade sexual e de gênero são temas que, globalmente, têm ocupado lugar em debates na pauta da luta pela conquista e garantia dos direitos humanos em diferentes campos de disputas como a política, a educação e os movimentos sociais. No contexto político, as discussões sobre identidades sexuais e de gênero têm, nas últimas

décadas, sido inseridas nas plataformas de campanhas políticas sob diferentes aspectos, tanto na perspectiva da promoção da igualdade de direitos quanto no cerceamento, limitação e apagamento dos sujeitos das sexualidades das dissidentes tornando-se alvo de intensos e acirrados conflitos entre parlamentares³. Em 2015, no Brasil, a formulação das políticas educacionais foi permeada pelo embate entre parlamentares que defendiam a inclusão e aqueles que apoiavam a exclusão dos termos diversidade sexual e identidade de gênero no Plano Nacional de Educação⁴. Já faz tempo que nas ciências biológicas esses temas são objetos da investigação científica, mas podemos notar também que nas ciências humanas e sociais o número de estudos que abordam as questões de gênero e sexualidades têm aumentado vultuosamente. No campo a Educação essas discussões têm abordado a problemática da LGBTfobia na escola, a ausência desses conteúdos nas grades curriculares da formação docente, tanto inicial quanto continuada, nas dificuldades do professorado para tratar do assunto e na necessidade de inclusão desses temas nos currículos escolares⁵ do ensino fundamental e médio. As diferentes visões, crenças e valores que constituem os sujeitos e as sociedades, atravessados por tabus, preconceitos e discriminação social, transformam as discussões sobre identidade de gênero e diversidade sexual na escola em temas polêmicos, principalmente em se tratando das questões relativas às homossexualidades, pois se propaga que a promoção de tais debates na escola ameaça a heteronormatividade vigente na sociedade. Este trabalho tem como pretensão a reflexão sobre a ausência de discussões sobre gênero e sexualidades na escola e seus efeitos na produção e manutenção da LGBTfobia no ambiente escolar, tendo como foco as percepções de estudantes da EJA de uma escola pública de Pelotas/ RS. A reflexão aqui posta advém de uma intervenção pedagógica realizada em uma escola pública de ensino

³ SANTOS, Luciano Pereira dos. Contribuições de disciplinas de gênero e sexualidades na formação docente inicial e continuada no enfrentamento da homofobia na escola. 2016. 154f. *Dissertação* (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, 2016.

⁴ CNTE (Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação). Gênero e diversidade sexual na escola: a CNTE apoia os movimentos sociais. *Revista Retratos da Escola*, Brasília, v.9, n.16, p. 187-194, jan/jun. 2015. Disponível em: <http://www.esforce.org.br/index.php/semestral/article/view/493>. Acesso em: 10 set. 2021.

⁵ FERREIRA, Márcia Ondina Vieira; SANTOS, Luciano Pereira dos. Diversidade sexual e docência na produção do grupo de trabalho 23 da ANPEd (2004/2011). *Revista de Educação PUC – Campinas*, Campinas, v.19, n.3, p.195-204, set/ dez. 2014.

fundamental participante do curso formação continuada: “A gestão do desenvolvimento inclusivo na escola”, da Universidade Federal de Pelotas/ Brasil em parceria com Ministério da Educação/Brasil.

Ao longo de sua existência, a escola tem atuado na classificação dos sujeitos por etnia, sexo e classe social. Nesse sentido, no decorrer da história, a escola reproduz as diferenças e, dessa forma, contribui para manter as hegemonias. Para tanto, marginaliza e exclui os que não se enquadram nos padrões da heteronormatividade⁶. Sendo a educação no Brasil um direito básico garantido constitucionalmente, é preciso considerar que ela é um campo de disputas onde permeiam oposições e lutas sociais onde reverberam variados tipos de discursos. Assim, a escola constitui-se como espaço político de manutenção ou transformação dos discursos, bem como lócus de apropriação, dominação e controle dos saberes e que eles trazem consigo⁷.

As discussões sobre as sexualidades surgem na história da educação brasileira a partir das décadas de 1920 e 1930⁸, quando o que se então se nomeava por “desvios sexuais” deixa de ser entendido como crime e passa a ser compreendido como doença⁹. Nesse período “[...] a escola passa a ser tida como um espaço de intervenção preventiva a medicina higiênica, devendo cuidar da sexualidade de crianças e adolescentes a fim de produzir comportamentos normais”¹⁰. No contexto atual, as questões referentes à identidade de gênero, sexualidades e orientação sexual no ambiente escolar sofrem as pressões e inquietações sociais e instituem-se como encontros aos modos de ser e existir de docentes e discentes não

⁶ FERREIRA, Márcia Ondina Vieira; SANTOS, Luciano Pereira dos. Diversidade sexual e docência na produção do grupo de trabalho 23 da ANPEd (2004/2011). *Revista de Educação PUC – Campinas*, Campinas, v.19, n.3, p.195-204, set/ dez. 2014.

⁷ FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. 23 ed. São Paulo, Edições Loyola, 2013. (p.41)

⁸ MEIRELES, Ariane Celestino; RAIZER, Eugenia Célia; MARGOTTO, Lilian Rose. Diversidade sexual nas políticas educacionais brasileiras: uma abordagem crítica preliminar. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS – UFES, 2011. Vitória. *Anais*. 24p. Disponível em: <http://www.periodicos.ufes.br/SNPGCS/article/viewFile/1491/1080>. Acesso em: 28 dez. 2015.

⁹ MEIRELES, Ariane Celestino; RAIZER, Eugenia Célia; MARGOTTO, Lilian Rose. Diversidade sexual nas políticas educacionais brasileiras: uma abordagem crítica preliminar. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS – UFES, 2011. Vitória. *Anais*. 24p. Disponível em: <http://www.periodicos.ufes.br/SNPGCS/article/viewFile/1491/1080>. Acesso em: 28 dez. 2015. p.5

¹⁰ ALTMANN, Helena. Orientação sexual nos parâmetros curriculares nacionais. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 9, n. 2, p.575-583, 2001. (p.579).

heterossexuais, tanto é que em 2015 a bancada fundamentalista religiosa no Congresso Nacional venceu a disputa e excluiu do Plano Nacional de Educação - PNE, as temáticas de gênero e diversidade sexual cerceando a promoção dessas discussões nas escolas. A exclusão destes temas do PNE legitimou a exclusão desses assuntos na maioria dos Planos Estaduais e dos Planos Municipais em grande parte dos municípios brasileiros¹¹.

Defendemos que as discussões sobre gênero e diversidade sexual devem ter espaço garantido no currículo escolar mediante ao contexto atual de lutas e reivindicações por garantias, ampliação e igualdade de direitos a todas e todos e, inclusive, pela garantia do direito à vida, já que o Brasil é o país que mais mata pessoas LGBTQIA+ no mundo¹². Portanto, o sistema educacional, para que a educação seja um direito de todas e todos, deve promover o combate à discriminação e ao preconceito em relação às identidades de gênero, diversidade e orientação sexual na escola. Sendo a sexualidade inerente à constituição dos sujeitos, ela está presente na escola e se apresenta nas mais diversas formas de expressões. A sexualidade configura-se como um conjunto de descobertas, crenças, práticas, escolhas, fantasias, e experiências relacionadas desejo afetivo-sexual dos sujeitos atravessados por valores, morais determinados e determinantes dos comportamentos e costumes sociais que dizem respeito ao coletivo¹³. Em uma visão geral “sexualidade é o conjunto de processos sociais que produzem e organizam a expressão do desejo e o gozo dos prazeres corporais, orientados a sujeitos do sexo oposto, do mesmo sexo, de ambos os sexos, ou a si mesmo/a”¹⁴. Este vem a ser também um conceito cultural que diz respeito à forma como cada ser vivencia e significa seus modos de ser e existir, portanto, não está vinculado ao determinismo naturalista/biológico. Nesse sentido, a sexualidade é

¹¹ CNTE (Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação). Gênero e diversidade sexual na escola: a CNTE apoia os movimentos sociais. *Revista Retratos da Escola*, Brasília, v.9, n.16, p. 187-194, jan/jun. 2015. Disponível em: <http://www.esforce.org.br/index.php/semestral/article/view/493>. Acesso em: 10 set. 2021.

¹² OLIVEIRA, José Marcelo domingos de; MOTT, Luiz. *Mortes violentas de LGBT+ no Brasil – Relatório 2021*. Grupo Gay da Bahia: Salvador, 2022.

¹³ NUNES, César Aparecido. *Desvendando a sexualidade*. 7 ed. Campinas/SP. Papirus, 2005.

¹⁴ CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de; MELO, Rosimary Alves de; ISMAEL, Eliana. Atividades com o corpo na educação infantil: limites da ação e formação docente. *Fazendo Gênero 8 - Corpo, Violência e Poder*. Florianópolis. 2008. (p.1). Disponível em http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST53/Carvalho-Melo-Ismael_53.pdf. Acesso em: setembro/2021

um dispositivo histórico que vincula “a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação do conhecimento, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e de poder¹⁵.

Ao considerarmos o caráter cultural da instituição escolar, não podemos entendê-la como um espaço estático. Ela tanto rejeita, quanto produz e/ou compartilha significados, uma vez que ali permeiam conflitos, tensões e disputas e se estabelecem relações de poder. Nessa perspectiva, a escola configura-se em um ambiente em movimento, onde se instaura embates entre políticas, discursos e práticas¹⁶. Embora ocorram embates – que em maior ou menor grau são propulsores de mudanças -, desde sua criação a escola tem se mantido como uma instituição normativa, comprometida em manter a ordem social hegemônica – incluindo a heteronormatividade¹⁷. Nesse contexto, é preciso compreender os discursos que nela permeiam. Portanto, ponderar sobre as identidades sexuais requer a compreensão dos discursos dos seus sujeitos e a reflexão sobre o nosso próprio processo educacional e suas influências em como significamos os modos de ser homem e mulher na sociedade, frequentemente orientado por dicotomias¹⁸.

O conceito de heteronormatividade foi criado por Michel Warner em 1993 para descrever a norma que toma a heterossexualidade como universal e os discursos que escrevem a situação homossexual como desviante¹⁹. Nessa perspectiva, a heterossexualidade é compreendida como “normal”, “natural” e “universal”, ou seja, heterossexualidade é generalizada e naturalizada o que aduz a pressuposição de todas as pessoas são heterossexuais. Enquanto que A heterossexualidade é imposta

¹⁵ FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1997. (p.100)

¹⁶ SANTOS, Luciano Pereira dos. Contribuições de disciplinas de gênero e sexualidades na formação docente inicial e continuada no enfrentamento da homofobia na escola. 2016. 154f. *Dissertação* (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, 2016.

¹⁷ FERREIRA, Márcia Ondina Vieira; SANTOS, Luciano Pereira dos. Diversidade sexual e docência na produção do grupo de trabalho 23 da ANPEd (2004/2011). *Revista de Educação PUC – Campinas*, Campinas, v.19, n.3, p.195-204, set/ dez. 2014.

¹⁸ CAETANO, Marcio Rodrigo. Gênero e sexualidade: diálogos e conflitos. In. RANGEL, M.(Org). *A escola diante da diversidade*. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2013, p.35-68 (p.37).

¹⁹ DINIS, Nilson. Fernandes. Homofobia e educação: quando a omissão também é signo de violência. *Educar em Revista*, Curitiba, Brasil. n.39. p.39-50, jan./abr. 2011. Editora UFPR.

como natural/natural, outras formas de sexualidade são entendidas como anormais, configuradas como desvio, aberração, anomalia, crime, doença, imoralidade, amoralidade, perversão, pecado, etc. Embora a heterossexualidade seja tomada como natural, como normal, operam sobre ela mecanismos de intensa vigilância objetivando a garantia da norma²⁰. Dessa maneira, o dispositivo da sexualidade impõe apenas dois parâmetros de existência corporal - homem e mulher -, exibindo apenas duas possibilidades nas quais os sujeitos devem se adequar - masculino e feminino - e uma única sexualidade legítima - heterossexualidade. Assim, não estar em conformidade com as normas significa não ter legitimidade e/ou importância no/do espaço social²¹. É no início da década de 1970 que o termo homofobia foi criado significando, originalmente, o medo de pessoas heterossexuais de estarem na presença de pessoas homossexuais. De 1970 aos dias atuais o conceito de homofobia passou por muitas variações e significações diferentes.²²

Estudos apontam que a homofobia tem sua gênese nos dogmas judaico-cristãos. A consolidação do cristianismo e a propagação dos seus dogmas, instituiu e disseminou a intolerância e opressão homofóbica²³. A igreja cristã, ao condenar a homossexualidade, promoveu a heterossexualidade monogâmica como norma, e para isso passou a pregar que as relações homossexuais eram um dos pecados mais graves, tais como o canibalismo, a bestialidade ou ingestão de imundices. Essa visão passou a influenciar na maneira como as pessoas com orientação homossexual passaram a ser tratadas, e, foi se constituindo como uma prática homofóbica²⁴. Embora, historicamente o termo homofobia apareça de diversas formas, todas elas ancoram-se nas significações de preconceito e discriminação. Aparece como um dispositivo de vigilância do gênero; como violência simbólica da dominação

²⁰ LOURO, Guacira Lopes. *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

²¹ BUTLER, Judith. *Problemas de gênero. Feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

²² PRADO, Marco Aurélio Máximo. Homofobia: muitos fenômenos sob o mesmo nome. In: PRADO, Marco Aurélio Máximo. *Homofobia: história e crítica de um preconceito*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

²³ BORILLO, Daniel. *Homofobia*. Espanha: Bellaterra, 2001. (p.43-44).

²⁴ *Ibidem*.

masculina²⁵, como modo de organização e constituição do masculino, como produção da cultura e saber do ocidente que aparece na discriminação afetiva, intelectual e política por meio de lógicas heterossexista.²⁶ Assim, o preconceito hierarquiza como subcidadãos aqueles que são identificados como homossexuais²⁷. É uma maneira de enxergar o mundo, advinda dos discursos que são produzidos e reproduzidos pelas instâncias socializadoras e que reafirmam a lógica dicotômica sexista e a heteronormatividade compulsória²⁸. A homofobia é muito mais que violência física e ou simbólica, ela está arraigada no sexismo e na heteronormatividade social²⁹. Nos dias de hoje, é um dos últimos preconceitos tolerados na nossa sociedade e, nesse sentido, tem-se na política nacional, parlamentares que atuam publicamente na defesa dos direitos das minorias étnicos-raciais, das mulheres, da reforma agrária e etc., mas, que se não se posicionam em relação aos direitos da população LGBTQIA+. Assim, na atualidade poucas pessoas ousam a manifestar publicamente seus posicionamentos sexistas e racistas, no entanto, dizer publicamente não simpatizar ou mesmo odiar pessoas homossexuais ainda é algo não só tolerado, como constitui também uma forma bastante comum de afirmação e de constituição da heterossexualidade masculina³⁰.

Ao manifestar-se no ambiente escolar a LGBTfobia se opõe à construção de uma consciência crítica e ao desenvolvimento de práticas orientadas pelo respeito à pluralidade e à igualdade de direitos. As condutas de estudantes e docentes são moldadas na escola pelo padrão heteronormativo. Treinar os primeiros para o cumprimento de regras e enquadrá-los nos padrões sociais é um dos atributos da

²⁵ BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

²⁶ BORILLO, Daniel. *Homofobia*. Espanha: Bellaterra, 2001.

²⁷ PRADO, Marco Aurélio Máximo; MACHADO, Frederico Viana. *Preconceito contra homossexualidades: a hierarquia da invisibilidade*. São Paulo: Cortez, 2008.

²⁸ FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*. 7ª Ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

²⁹ JUNQUEIRA, Rogério Diniz. Homofobia nas escolas: um problema de todos. In JUNQUEIRA, R.D. (Org). *Diversidade sexual na educação: problematizações sobre homofobia nas escolas*. Brasília: MEC/UNESCO, 2009b, p.13-51.

³⁰ DINIS, Nilson. Fernandes. Homofobia e educação: quando a omissão também é signo de violência. *Educar em Revista*, Curitiba, Brasil. n.39. p.39-50, jan./abr. 2011. Editora UFPR. (p. 4).

escola³¹. Assim, a escola é uma instituição que além de transmitir e construir conhecimentos opera como um dispositivo de reprodução dos padrões sociais vigentes, e dessa forma consolida e perpetua valores, constitui e constrói os sujeitos, legitima as relações de poder, hierarquias e processos de acumulação. Atua como um aparelho disciplinador e mantenedor da norma³². Estudos apontam que embora a escola devesse constituir-se num espaço de promoção da cidadania, o ambiente escolar se apresenta como hostil/ intolerante e violento em relação a Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros (LGBT's), configurando-se, por muitas vezes, como espaço de produção e reprodução da LGBTfobia. Assim, a escola destaca-se como um ambiente de opressão e discriminação, submetendo milhões de jovens e adultos à um quadro de violências lgbtfóbicas. E isso se faz com a participação ou omissão da família, da comunidade escolar, da sociedade e do Estado³³. Tendo por auxílio um currículo heteronormativo, onde a escolha da presença ou ausência de conteúdos e práticas determina o que se é aceitável e o que não deve ser incluído, a escola reforça as diferenças e desigualdades, promovendo a discriminação e exclusão dos sujeitos LGBT's. Inúmeros conteúdos curriculares são cotidianamente transmitidos nas escolas, com possíveis efeitos em exclusões e discriminações, que tem sido a causa de expressivos sofrimentos decorrentes da demarcação da supremacia masculina e da heteronormatividade³⁴. Na escola, bem como em outros lugares, a homossexualidade é encarada como "contagiosa", o que promove, conseqüentemente, a exclusão de pessoas homossexuais, uma vez que a aproximação pode ser compreendida como uma identificação a tal identidade, o que vem a reforçar a marginalização desse grupo³⁵. Negar, ocultar e rejeitar a existência

³¹ FERREIRA, Márcia Ondina Vieira; SANTOS, Luciano Pereira dos. Diversidade sexual e docência na produção do grupo de trabalho 23 da ANPEd (2004/2011). *Revista de Educação PUC – Campinas*, Campinas, v.19, n.3, p.195-204, set/ dez. 2014.

³² JUNQUEIRA, Rogério Diniz. D. Diversidade sexual e homofobia: a escola tem tudo a ver com isso. In XAVIER FILHA, Constantina (Org). *Educação para a sexualidade, para a equidade de gênero e para a diversidade sexual*. Campo Grande: UFMS, 2009a, p. 111-142

³³ JUNQUEIRA, Rogério Diniz. Homofobia nas escolas: um problema de todos. In JUNQUEIRA, R.D. (Org). *Diversidade sexual na educação: problematizações sobre homofobia nas escolas*. Brasília: MEC/UNESCO, 2009b, p.13-51. (p.15).

³⁴ CAETANO, Marcio Rodrigo. Gênero e sexualidade: diálogos e conflitos. In. RANGEL, M.(Org). *A escola diante da diversidade*. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2013, p.35-68 (p.56).

³⁵ LOURO, Guacira Lopes. *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

de homossexuais na sala de aula, fingir que eles/as não existem, possibilita que educandos gays e lésbicas reconheçam a si mesmo como desviantes, malquistos, desprezíveis e insignificantes e sejam acometidos por gozações e insultos no ambiente e nas atividades escolares³⁶.

2. Procedimentos Metodológicos

Os sujeitos desse estudo são discentes da EJA – Educação de Jovens e Adultos - de uma escola de ensino básico da rede pública da cidade de Pelotas/RS. Foi realizado um levantamento de dados relativos à escola - número de alunos, turmas, docentes, turnos e funcionários - para dimensionar o ambiente. Foi aplicado um questionário ao corpo discente, objetivando: traçar o perfil; verificar os conhecimentos sobre o tema; juízos pessoais de moralidade; relações/ contato com pessoas LGBTs. A ação contemplou ainda, atividades sobre o tema: palestra, discussões e debate, possibilitando coletar relatos e opiniões sobre o assunto. Os dados foram compilados, tabulados e analisados. A análise pautou-se na análise temática de conteúdo³⁷³⁸. Os dados foram coletados durante as atividades de intervenção pedagógica do projeto de formação continuada “A gestão do desenvolvimento inclusivo na escola”, da Universidade Federal de Pelotas/ Brasil em parceria com Ministério da Educação/Brasil, oferecido aos docentes da rede pública de ensino.

3. Apresentação e discussão dos dados

Com o intuito de verificar a convivência e envolvimento pessoal das/dos respondentes com as homossexualidades, por meio de questionário aplicado durante a intervenção pedagógica, foi perguntado se possuem amigos e familiares homossexuais, como se sentem diante de manifestações afetivas entre pessoas do mesmo sexo/gênero, se consideram o casamento entre pessoas do mesmo sexo/gênero legítimo, se costumam frequentar ambientes frequentados por pessoas LGBT's e se conversam sobre diversidade sexual em casa e/ou com amigos. De acordo com as respostas, os

³⁶ LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes, 2 Ed. 1997.

³⁷ BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.

³⁸ MINAYO, Maria Cecília de Souza et al. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 23 ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

dados apontam que 88% (97) das/dos pesquisadas/os não têm amigos homossexuais e 78% (86) não possuem familiares com essa orientação sexual. Sentem-se constrangidas/os e com vergonha diante de manifestações afetivas entre pessoas do mesmo sexo/gênero 78% (86) das/dos investigadas/os enquanto que, 70% (77) afirma que além de constrangimento, sente também asco/nojo ao presenciar tais manifestações. O casamento entre pessoas do mesmo sexo/gênero não é considerado legítimo por 80% (88) das/dos respondentes, sendo também esse o índice (80%/88) de pessoas que declara não ir a lugares frequentados por pessoas LGBT's. Afirma conversar sobre diversidade sexual em casa e/ ou com amigos 52% (57) de respondentes.

As declarações demonstram que maiormente as/os pesquisadas/os não convivem e não tem envolvimento pessoal com pessoas homossexuais. Considerando que a maioria declara que não possui amigos e/ou familiares homossexuais, sente constrangimento, vergonha, asco e nojo ao presenciar manifestações afetivas entre pessoas do mesmo sexo/gênero, não considera legítimo o casamento homossexual e não frequenta ambientes que são frequentados por pessoas LGBT's, as respostas indicam um afastamento de sujeitos homossexuais e sugerem um estranhamento em relação às homossexualidades. Tais constatações nos conduzem conjecturar que as/os estudantes entendem a heterossexualidade como a única forma possível, legítima e aceitável de experienciar e vivenciar a sexualidade humana. O afastamento e rejeição evidenciados nas respostas sugerem que a escola frequentada por essas/esses discentes é um ambiente que se constitui como espaço de segregação, estigmatização e exclusão dos sujeitos LGBTQIA+. Mediante as respostas obtidas é plausível depreender a imposição do dispositivo da sexualidade uma vez que as/os entrevistadas/os, maiormente, consideram como os únicos modos de existência corporal o sexo biológico de nascimento (homem ou mulher), tendo o masculino e o feminino como únicas expressões de gênero possíveis e que estas devem corresponder à biologia do corpo. Nesse sentido, apontam a compreensão da heterossexualidade como a única sexualidade legítima e os demais modos de ser e existir são entendidos como pecado. Mediante a essas ponderações podemos inferir que as respostas nos encaminham para o entendimento de que a maior parte das/dos respondentes compreendem a heterossexualidade como natural e inerente a todos os seres humanos considerados "normais". O distanciamento, afastamento e ou estranhamento em relação a pessoas homossexuais aduz à sugestão de que

interpretam a homossexualidade como anormalidade, desvio, imoralidade, perversão, pecado, etc., conforme as reflexões teóricas das autoras e autores supracitados no referencial desse texto.

Durante as atividades da intervenção pedagógica (palestras, debates, rodas de conversa) foram coletadas algumas frases retiradas de trechos de falas das/dos participantes. Essas frases foram transpostas como enunciados no questionário da pesquisa. Às/aos respondentes foi solicitado que assinalassem se concordavam ou não com elas. É importante ressaltar que os enunciados se apresentavam de forma aleatória no questionário e que aqui, para fins de análise, foram agrupados por temas e dentro destes, quando possível, agrupados por assunto, conforme pode ser observado na Tabela 1.

Os dados da Tabela 1 indicam os posicionamentos das/dos respondentes em relação às diversidades sexuais na escola. No aspecto global, os apontamentos dos posicionamentos das/dos discentes demonstram elevados índices de rejeição à diversidade sexual no ambiente escolar. As/os respondentes em imensa maioria declaram que não gostariam de ter colega travesti na sala de aula, bem como, se pudessem escolher, evitariam estudar em turmas que tivessem gays e lésbicas.

Tabela 1 – Distribuição de respondentes segundo a opinião sobre diversidade sexual na escola

Enunciado	Concorda		Discorda		Não responde		Total	
Não gostaria de ter uma colega travesti na sala de aula	99	90%	7	6%	4	4%	110	100%
Na escola não é lugar de falar de sexualidade	89	81%	17	15%	4	4%	110	100%
A escola é lugar de estudar								
Se eu pudesse escolher, evitaria estudar em turmas com gays e lésbicas	91	83%	18	16%	1	1%	110	100%
Os outros alunos fazem chacota mesmo	86	78%	19	17%	5	5%	110	100%
Mas também os alunos gays								

procuram,
provocam

Mesmo que
o professor
ou a
professora
seja bom
profissional
, ser for
homossexu
al os
alunos
farão
piadas

87	79%	21	19%	2	2%	100%
----	-----	----	-----	---	----	------

Fonte: elaboração dos autores com dados coletados na pesquisa, 2021

Afirmam também que mesmo que as/os docentes homossexuais sejam bons profissionais, serão preconceituadas/os pelos discentes e culpabilizam discentes homossexuais pelos preconceitos e discriminações que sofrem. Não aprovam a discussão sobre sexualidades no ambiente escolar, alegando não ser esse tema pertinente aos estudos. A descrição dos dados por si só já denuncia a urgência do debate sobre identidades sexuais e de gênero e orientação sexual na escola. Ainda que as discussões sobre sexualidades na educação brasileira tenham se iniciado nas primeiras décadas do século passado³⁹, o desenvolvimento dessas temáticas na escola vem sofrendo retrocessos e, embora essas questões estejam presentes nas plataformas de campanhas políticas, não se tem avançado no âmbito das políticas educacionais⁴⁰, tanto é que, as discussões de gênero e orientação sexual foram extintas do PNE e de muitos PEE's e diversos PME's⁴¹. Diante dessas considerações, podemos depreender que os posicionamentos LGBTsfóbicos das/dos discentes pesquisados nesse estudo, são reflexos da ausência de políticas educacionais que

³⁹ MEIRELES, Ariane Celestino; RAIZER, Eugenia Célia; MARGOTTO, Lilian Rose. Diversidade sexual nas políticas educacionais brasileiras: uma abordagem crítica preliminar. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS – UFES, 2011. Vitória. *Anais*. 24p. Disponível em: <http://www.periodicos.ufes.br/SNPGCS/article/viewFile/1491/1080>. Acesso em: 28 dez. 2015.

⁴⁰ SANTOS, Luciano Pereira dos. Contribuições de disciplinas de gênero e sexualidades na formação docente inicial e continuada no enfrentamento da homofobia na escola. 2016. 154f. *Dissertação* (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, 2016.

⁴¹ CNTE (Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação). Gênero e diversidade sexual na escola: a CNTE apoia os movimentos sociais. *Revista Retratos da Escola*, Brasília, v.9, n.16, p. 187-194, jan/jun. 2015. Disponível em: <http://www.esforce.org.br/index.php/semestral/article/view/493>. Acesso em: 10 set. 2021.

abranjam essas temáticas. O aporte teórico, contemplando várias autoras e autores, que fundamenta esse trabalho se constitui como exemplo do esforço de pesquisadoras e pesquisadores do campo da educação para colocar esse debate em pauta. As investigações sobre essa temática tem discutido a forte presença da LGBTfobia na escola, a inaptidão das e dos docentes para tratarem desses assuntos e a premência de incorporação dessas questões na formação docente - inicial e continuada – bem como nos currículos escolares⁴². Os discursos imbuídos nos e a partir dos posicionamentos discentes aferidos nesse estudo são corolários da retrogradação de políticas educacionais que discutam gênero e sexualidades, nesse sentido, é importante destacar que a educação promove o acesso a qualquer tipo de discurso, no entanto sua distribuição é marcada pelas oposições e lutas sociais. O sistema educacional, com seus poderes e saberes, é uma maneira política de conservar ou transformar a apropriação dos discursos⁴³. A forte rejeição das diversidades sexuais no ambiente escolar, constatada por meio dos resultados aferidos na tabela um, nos leva ao entendimento de que a escola tem se constituído como um ambiente atravessado pela denegação, ou seja, pela recusa do reconhecimento dos direitos das pessoas LGBT's, caracterizando-a como espaço de produção e reprodução da LGBTfobia⁴⁴. Os posicionamentos das/dos discentes entrevistadas/os podem ser interpretadas como preconceito e discriminação para com pessoas homossexuais e ou não-heterossexuais. Nos dias atuais a terminologia usual utilizada no campo desses estudos é LGBTFOBIA, tendo como propósito contemplar a diversidade de sujeitos não-heterossexuais (lesbicas, gays, bissexuais, transgêneros). A rejeição apontada nos posicionamentos à diversidade das identidades e orientações sexuais humanas, descritos nessa investigação, atestam a afirmação de que a escola se constitui como um espaço de produção e reprodução de violências e manifestações LGBTfóbicas.

⁴² FERREIRA, Márcia Ondina Vieira; SANTOS, Luciano Pereira dos. Diversidade sexual e docência na produção do grupo de trabalho 23 da ANPEd (2004/2011). *Revista de Educação PUC – Campinas*, Campinas, v.19, n.3, p.195-204, set/ dez. 2014.

⁴³ FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. 23 ed. São Paulo, Edições Loyola, 2013.

⁴⁴ JUNQUEIRA, Rogério Diniz. Homofobia nas escolas: um problema de todos. In JUNQUEIRA, R.D. (Org). *Diversidade sexual na educação: problematizações sobre homofobia nas escolas*. Brasília: MEC/UNESCO, 2009b, p.13-51. (p.15).

4. Conclusões e considerações finais

Diante dos apontamentos aqui apresentados, pode-se observar a forte presença da LGBfobia reverberada no ambiente escolar. Importa destacar que a coleta dos dados antecede a pandemia de COVID-19 e que se os resultados obtidos não se apresentam animadores. Os impactos da pandemia de covid-19 que incidiram sobre a população LGBTQIA+ agravaram ainda mais as situações de estigmatização e exclusão social em que vivem a maior parte dessas pessoas. O estudo realizado pela Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ) aponta que durante o período pandêmico, maiormente as pessoas LGBT+ tiveram problemas com a saúde mental, perderam o emprego, estavam em situação de insegurança alimentar, sofreram dificuldade em relação ao acesso à saúde pública sendo os atendimentos específicos voltados a esta população encerrados ou limitados em muitas localidades no Brasil, houve aumento da violência LGBTfóbica no âmbito doméstico e, no espaço público ocorreu um aumento no número de mortes por motivação homofóbica⁴⁵.

A LGBTfobia, assim como toda forma de preconceito e discriminação, é uma forma de inferiorização do outro, de desumanização. É a negação da condição e dignidade humana. As discussões aqui postas e os dados apresentados revelam uma escola onde a homossexualidade é palco de discriminação e preconceito, advindos de desconhecimento do/as discentes sobre o assunto e do despreparo do corpo docente para trabalhar tais questões. É na perspectiva de conhecer para reconhecer que defendemos que as discussões sobre gêneros, sexualidades, orientações e identidades sexuais tenham espaço garantido na grade curricular em todos os níveis e modalidades do processo educacional, pois é por meio do conhecimento é que se pode atingir o reconhecimento social de que o acesso e gozo dos direitos, sejam eles sociais, políticos ou individuais devem ser garantidos em igualdade à todos os sujeitos, indiferentemente dos marcadores sociais de classe, raça, gênero e identidade sexual. Para a redução da violência e exclusão social por motivação LGBTfóbica é importante que essas temáticas estejam presentes no processo de escolarização desde a educação infantil, ensino fundamental, ensino médio e se estenda por todas as áreas do ensino superior. A desconstrução do preconceito e

⁴⁵ MATTA, Gustavo Corrêa; REGO, Sergio; SOUTO, Ester Paiva; SEGATA, Jean. eds. Os impactos sociais da Covid-19 no Brasil: populações vulnerabilizadas e respostas à pandemia [online]. Rio de Janeiro: Observatório Covid 19; Editora FIOCRUZ, 2021

discriminação no âmbito social para a preservação e garantia das vidas LGBTQ+ requer que a educação seja humanizadora para que assim, possa se cumprir com a premissa da promoção de uma educação para todas e todos. É crucial empreender o desenvolvimento de práticas pedagógicas fundamentadas no princípio inalienável dos direitos humanos que é o direito a vida. Defendemos a importância da escola se constituir como um espaço onde todas as vidas importam, um espaço de valorização e respeito às diversidades e diferenças humanas, um espaço onde se realiza uma educação humanizadora e onde se constrói um sociedade humanizada.

Referências bibliográficas

ALTMANN, Helena. Orientação sexual nos parâmetros curriculares nacionais. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 9, n. 2, p.575-583, 2001.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BORILLO, Daniel. **Homofobia**. Espanha: Bellaterra, 2001.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**. Feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CAETANO, Marcio Rodrigo. Gênero e sexualidade: diálogos e conflitos. In. RANGEL, M.(org). **A escola diante da diversidade**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2013, p.35-68.

CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de; MELO, Rosimary Alves de; ISMAEL, Eliana. Atividades com o corpo na educação infantil: limites da ação e formação docente. **Fazendo Gênero 8 - Corpo, Violência e Poder**. Florianópolis. 2008. Disponível em http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST53/Carvalho-Melo-Ismael_53.pdf. Acesso em: setembro/2021.

CNTE (Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação). Gênero e diversidade sexual na escola: a CNTE apoia os movimentos sociais. **Revista Retratos da Escola**, Brasília, v.9, n.16, p. 187-194, jan/jun. 2015. Disponível em: <http://www.esforce.org.br/index.php/semestral/article/view/493> . Acesso em: 10 set. 2021.

DINIS, Nilson. Fernandes. Homofobia e educação: quando a omissão também é signo de violência. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil. n.39. p.39-50, jan./abr. 2011. Editora UFPR.

FERREIRA, Márcia Ondina Vieira; SANTOS, Luciano Pereira dos. Diversidade sexual e docência na produção do grupo de trabalho 23 da ANPEd (2004/2011). **Revista de Educação PUC – Campinas**, Campinas, v.19, n.3, p.195-204, set/ dez. 2014.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 23 ed. São Paulo, Edições Loyola, 2013.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1997.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. 7ª Ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. D. Diversidade sexual e homofobia: a escola tem tudo a ver com isso. In XAVIER FILHA, Constantina (org). **Educação para a sexualidade, para a equidade de gênero e para a diversidade sexual**. Campo Grande: UFMS, 2009a, p. 111-142

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. Homofobia nas escolas: um problema de todos. In

JUNQUEIRA, R.D. (org). **Diversidade sexual na educação: problematizações sobre homofobia nas escolas**. Brasília: MEC/UNESCO, 2009b, p.13-51.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 2 Ed. 1997.

LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

LOURO, Guacira Lopes. Teoria queer: uma política pós-identitária para a educação. **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis, v.9, n.2, p. 541-553, 2001.

MATTA, Gustavo Corrêa; REGO, Sergio; SOUTO, Ester Paiva; SEGATA, Jean. eds. **Os impactos sociais da Covid-19 no Brasil: populações vulnerabilizadas e respostas à pandemia** [online]. Rio de Janeiro: Observatório Covid 19; Editora FIOCRUZ, 2021, 221 p. Informação para ação na Covid-19 series. ISBN: 978-65-5708-032-0. <https://doi.org/10.7476/9786557080320>.

MEIRELES, Ariane Celestino; RAIZER, Eugenia Célia; MARGOTTO, Lilian Rose. Diversidade sexual nas políticas educacionais brasileiras: uma abordagem crítica preliminar. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS – UFES, 2011. Vitória. **Anais**. 24p. Disponível em: <http://www.periodicos.ufes.br/SNPGCS/article/viewFile/1491/1080>. Acesso em: 28 dez. 2015.

MINAYO, Maria Cecília de Souza et al. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 23 ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

MISKOLCI, Richard. Não ao sexo rei: da estética da existência foucaultiana à política queer. In: SOUZA, L. A. F. de; SABATINE, T. T.; MAGALHÃES, B. R. de (Org.). **Michel Foucault: sexualidade, corpo e direito**. Marília: Oficina Universitária; São

NUNES, César Aparecido. **Desvendando a sexualidade**. 7 ed. Campinas/SP. Papyrus, 2005.

OLIVEIRA, José Marcelo domingos de; MOTT, Luiz. **Mortes violentas de LGBTQ+ no Brasil – Relatório 2021**. Grupo Gay da Bahia: Salvador, 2022.

PRADO, Marco Aurélio Máximo. Homofobia: muitos fenômenos sob o mesmo nome. In: PRADO, Marco Aurélio Máximo. **Homofobia: história e crítica de um preconceito**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

PRADO, Marco Aurélio Máximo; MACHADO, Frederico Viana. **Preconceito contra homossexualidades: a hierarquia da invisibilidade**. São Paulo: Cortez, 2008.

SANTOS, Luciano Pereira dos. Contribuições de disciplinas de gênero e sexualidades na formação docente inicial e continuada no enfrentamento da homofobia na escola. 2016. 154f. **Dissertação** (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, 2016.

SILVA JUNIOR, Jonas Alves da. Diversidade e educação: apontamentos sobre gênero e sexualidade na escola. In. RANGEL, M. (org). **A escola diante da diversidade**. Rio de Janeiro: Wak Editora. 2013. p.69-105.